



Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social
Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social, fundamentos.

A FORMAÇÃO DO PROLETARIADO¹

IOLE DANTAS DE OMENA²

Resumo: No século XVIII o mundo estava em transformação, a evolução das forças produtivas alterava as relações produtivas, e a classe proletária começava a surgir junto com a invenção das máquinas e transformação da indústria. A indústria algodoeira inglesa foi a primeira a ser revolucionada, mas logo depois a revolução industrial penetrou em outros ramos. Ao passo que essa penetração ia ocorrendo, dava-se a formação do proletariado³. Além da indústria, a agricultura foi transformada, e, depois as minas ganharam relevância e começaram a ser exploradas. Foi assim que surgiu os proletários fabris, proletários agrícolas e os proletários mineiros.

Palavras-chave: máquinas; proletários; indústria.

Abstract: In the century XVIII the world was in transformation, the evolution of productive forces changed the productives relations, and the proletarian class began to emerge along with the invention of machines and the transformation of industry. The England cotton industry was the first to be revolutionized, but soon the industrial revolution penetrated into others branches. While this penetration was occurring, the formation of proletariat arised. Beyond the industry, the agriculture was transformed, and then the mines gained relevance and began to be exploited. This is how the proletarians: factory, agricultural and miner emerged.

Keywords: machines; proletarians; industry.

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970 o capitalismo encontra-se em uma profunda crise e os efeitos desta são sentidos em todo o mundo, pelo agravamento das expressões da questão social. Os assistentes sociais sabem bem disso já que, em seu cotidiano profissional, lidam com a classe trabalhadora – que é a

¹ O presente texto foi escrito para o XVI ENPESS (2018). Pretendemos com ele, mostrar parte de nossa pesquisa realizada no PIBIC de 2017-2018. Pesquisa esta que ainda está em andamento. O tema escolhido foi retirado de um dos objetivos da pesquisa.

² Estudante de Graduação. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: <iole.omena@gmail.com>

³ Engels (2015) utilizou “constantemente como sinônimos as palavras: operários (*working men*), proletários, classe operária, classe não proprietária e proletariado.”(p.43). Como não sabemos a diferença entre os termos, escolhemos “proletariado” para ser usado mais frequentemente, apesar de falarmos também em operário e classe trabalhadora.

principal afetada por estas expressões. O Serviço Social, atualmente, se coloca em defesa da classe trabalhadora, e podemos perceber isto quando Netto (1999) ao falar do projeto ético-político da profissão diz que ele reconhece a liberdade como valor central, e que com isso tem um compromisso com a autonomia, emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais; como consequência ele completa que “este projeto profissional se vincula a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem exploração/dominação de classe, etnia e gênero.” (p.15)

Tendo em vista essa nova ordem social, pensamos que podemos contribuir para a reflexão de um dos temas necessários – classes sociais – para a construção da mesma. Sabemos que ainda hoje o tema “classe social” é ainda confuso para muito marxistas, por isso é de nossa preocupação entender os fundamentos das classes sociais, desde sua origem até os dias atuais, e entender especialmente como se dá a relação entre as classes sociais atualmente – entre a classe trabalhadora, a burguesia e as classes que estão entre elas. Além de identificar como se caracterizam tais classes, o que as determina.

Mas para isso julgamos necessário entender o processo histórico de formação das classes fundamentais do capitalismo para depois entendermos quais e como as mudanças ocorreram. Nosso artigo atual é apenas o início de uma pesquisa mais longa à qual buscaremos fornecer elementos sobre as classes sociais que possam contribuir para pensar a questão num possível momento futuro de transição para outra ordem societária que tenha por base o trabalho associado, e não o explorado tal como no capitalismo.

Neste texto buscaremos trazer alguns elementos históricos que explicam a formação do proletariado. Dividimos ele em duas partes, estando a última contida na primeira. No item 2, trouxemos a explicação do porquê, apesar de tanto a França quanto a Inglaterra terem tido importância na formação do capitalismo, apenas a Inglaterra foi o país analisado em relação a formação do proletariado. E o item 2.1 trata do processo de formação do proletariado na Inglaterra, e de quais foram as mudanças que provocaram esta formação.

2. A “DUPLA REVOLUÇÃO” E A HISTÓRIA DO PROLETARIADO

A história da formação do proletariado caminha junto com a história da formação do capitalismo. Esta é marcada pela “Dupla Revolução” (HOBSBAWM, 2004) – a Revolução Francesa (1789-1799) e a Revolução industrial (1780-1800). Enquanto a primeira marcou profundamente o mundo do século XIX em termos de sua ideologia e política, “a economia [...] foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica”(HOBSBAWM, 2004, p.83).

Tanto Engels (2015), quanto Hobsbawm (2004), afirmam que a Inglaterra – devido ao desenvolvimento da sua indústria moderna – é o lugar onde pode-se analisar o proletariado propriamente. Algumas condições favoráveis à revolução industrial já estavam presentes na Inglaterra: “mais de um século se passara desde que o primeiro rei tinha sido formalmente julgado e executado pelo povo e desde de que o lucro privado e o desenvolvimento econômico tinham sido aceitos como os supremos objetivos da política governamental.”(HOBSBAWM, 2004, p.54). Hobsbawm (2004) quando vai comparar o processo de industrialização da Grã-Bretanha com outros países do continente Europeu diz que “na Grã-Bretanha, após uma lenta preparação de cerca de 200 anos, não houve escassez real de quaisquer fatores de produção e nenhum obstáculo institucional para o pleno desenvolvimento capitalista.”(p.244); no campo

Uma relativa quantidade de proprietários com espírito comercial já quase monopolizava a terra, que era cultivada por arrendatários empregando camponeses sem terra ou pequenos agricultores. [...] quase praticamente não se podia falar de um ‘campesinato britânico’ da mesma maneira que um campesinato russo, alemão ou francês. As atividades agrícolas já estavam predominantemente dirigidas para o mercado; as manufaturas de há muito tinham-se disseminado por um interior não feudal. (HOBSBAWM, 2004, p.54)

Segundo Engels (2015) é com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão que se inicia, na segunda metade do século XVIII, a história da classe operária na Inglaterra. E, que foram essas as invenções que desencadearam a revolução industrial.

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações. (ENGELS, 2015, p.45)

Já na França, mesmo que a Revolução Francesa tenha sido uma revolução burguesa, ela necessitou e teve o apoio popular, sobretudo da massa rural (SOBOUL, 1981). No século XVIII os Antigos Regimes estavam em crise, a monarquia absoluta da França estava endividada, o imposto não rendia. Para tentar solucionar isso ela tentou cobrar impostos sobre a aristocracia que tinham isenção fiscal, contudo privilegiados que eram se levantaram em defesa de seus privilégios. Essa revolta da aristocracia ficou conhecida como “reação senhorial; aristocrática ou feudal” e foi uma tentativa da aristocracia de manter seu poder político e privilégios sociais, e com isso ela tornou o regime feudal ainda mais pesado. O povo sofria pressão de vários lados. A má colheita de 1788 desencadeou a alta dos preços que diminuía o poder aquisitivo das massas; foi essa situação que mobilizou as massas populares e camponesas na revolução burguesa. A Revolução se fez

graças ao apoio das massas populares atizadas pelo ódio contra os privilégios e sublevadas pela fome, desejosas de se libertar da carga do feudalismo. Uma das tarefas essenciais da Revolução consistiu na destruição do regime feudal e na libertação dos camponeses e da terra. (SOBOUL, 1981, p.92-93)

O movimento popular teve grande relevância no decorrer da revolução, portanto a burguesia revolucionária teve que fazer concessões as aspirações do povo para levar a revolução adiante contra a Europa aristocrática. No movimento popular estavam presentes tanto as massas urbanas quanto a população camponesa. E, como a França do Antigo Regime continuava essencialmente rural e artesanal, a questão camponesa teve, pois, grande importância no curso da Revolução. Para se ter ideia Soboul (1981) nos diz que “Aceitando-se a cifra de 25 milhões de habitantes em 1789, e avaliando-se a população urbana em cerca de 16%, temos que a população rural formava a grande massa, seguramente mais de 20 milhões.”(p.45).

Os sans-culottes que representavam as classes urbanas do movimento popular e que forneceram “a principal força de choque da revolução”, são descritos pelo Hobsbawm (2004) como

um movimento disforme, sobretudo urbano, de trabalhadores pobres, pequenos artesãos, lojistas, artífices, pequenos empresários, etc. [...] [eles] formularam uma política, por trás da qual estava um ideal social contraditório e vagamente definido, que combinava o respeito pela (pequena) propriedade privada com a hostilidade aos ricos, trabalho garantido pelo governo, salários e segurança social para o homem

pobre, uma democracia extremada, de liberdade e igualdade, localizada e direta. (p.96)

Nota-se, assim que a concepção do movimento popular urbano⁴ que apoiou a parte revolucionária da burguesia durante a revolução francesa, contra a aristocracia, se caracterizava pela mentalidade pré-capitalista, segundo Soboul (1981) “O *sans-culotte* é profundamente hostil ao estado de espírito da burguesia comerciante e industrial, que só se manifesta em nome da liberdade indispensável às suas empresas, repelindo a regulamentação e o tabelamento tão caros ao coração do lojista e do artífice.”(p.289). Esta mentalidade pré-capitalista também era encontrada entre os camponeses que defendiam suas práticas comunitárias ante os progressos capitalistas na agricultura. E, como a questão camponesa teve grande peso durante a Revolução Francesa, Hobsbawm (2004) diz que

na França, a abolição do feudalismo foi obra da Revolução. A pressão camponesa e o jacobinismo levaram a reforma agrária além do ponto em que os baluartes do desenvolvimento capitalista teriam desejado que ela parasse [...]. A França como um todo, portanto, não se tornou nem um país de senhores de terras e trabalhadores agrícolas nem de fazendeiros comerciais, mas em grande parte de vários tipos de proprietários camponeses. (p.216)

Temos assim que apesar da mentalidade pré-capitalista do movimento popular – a *sans-culotterie* e os camponeses –, eles apoiaram a burguesia pois tinham objetivos em comum, ambos estavam contra a aristocracia e o feudalismo. A burguesia, apesar de discordar das aspirações do povo, precisava dele para fazer sua revolução, o povo tinha esperanças que seus ideais poderiam ser realizados com a revolução. No entanto, houve anos que a burguesia teve de ceder mais ao movimento popular, e implementar que eram contra seus princípios (liberdade econômica) para conseguir o apoio do povo.

Soboul diz que após os 10 anos de Revolução, se pouco melhorou a situação dos camponeses pobres, eles não deixaram de manter suas posições tradicionais. Eles não saíram tão desarmados da revolução quanto as classes urbanas populares. Mesmo que a revolução tenha acelerado a dissolução da comunidade rural, não conseguiu destruí-la completamente.

A manutenção dos usos coletivos sendo deixada à vontade dos camponeses, o loteamento da propriedade e da exploração freou consideravelmente a transformação capitalista da agricultura; a

⁴ Divergiam, em relação à burguesia, por exemplo, do conceito de propriedade e de democracia social.

autonomia dos pequenos produtores rurais mantém-se há longo tempo, dando à história política da França algumas de suas características próprias. (SOBOUL, 1981, p.502).

Por isso, após a Revolução o desenvolvimento industrial francês não conseguiu desenvolver-se tal como na Inglaterra.

Na França, estabeleceram essa cidadela inexpugnável de pequenos e médios proprietários camponeses, pequenos artesãos e lojistas, economicamente retrógrados, mas apaixonadamente devotados à Revolução e à República, que tem dominado a vida do país desde então. A transformação capitalista da agricultura e da pequena empresa, a condição essencial para um rápido desenvolvimento econômico, foi reduzida a um rastejo, e com ela a velocidade de urbanização, a expansão do mercado doméstico, a multiplicação da classe trabalhadora (HOBSBAWM, 2004, p.105)

Sendo assim, como dissemos acima a história do proletariado está intimamente ligada com a história do desenvolvimento do capitalismo. História essa que é marcada por duas revoluções burguesas, uma de importância política e outra econômica. Como na França após a Revolução Francesa estabeleceu-se vários tipos pequenos proprietários camponeses, que frearam a transformação capitalista da agricultura – condição está necessária para o desenvolvimento industrial – o desenvolvimento do capitalismo e do proletariado foi, também, freado. E como a Inglaterra, foi o terreno clássico da revolução industrial (ENGELS, 2015), lá desenvolveu-se a indústria, ocorreu a transformação capitalista da agricultura e máquinas foram criadas. Lá, também, o proletariado surgiu junto com a revolução industrial. Assim, no presente artigo, onde pretendemos analisar o processo de formação histórica do proletariado nos limitaremos, daqui em diante, analisar o caso da Inglaterra.

2.1 O surgimento do proletariado na Inglaterra

É preciso ter em mente como funcionava a indústria – manufatura – antes da revolução industrial para que possamos compreender o nascimento do proletariado. Segundo Hobsbawm (2004), no século XVIII a maneira de se expandir a indústria

não era construir fábricas, mas sim o sistema 'doméstico'⁵, no qual os trabalhadores – em alguns casos, antigos artesãos independentes, em outros, antigos camponeses com o tempo de sobra nas estações estéreis do ano – trabalhavam a matéria prima em suas próprias casas, com ferramentas próprias ou alugadas, recebendo-a e entregando-a de volta aos mercadores que estavam a caminho de se tornarem patrões. (HOBSBAWM, 2004, p.62)

Neste sistema o artesão poderia se transformar em pouco mais que um trabalhador pago por artigo produzido, o camponês (que tinha um pequeno lote de terra) podia ser também um tecelão, o velho-mestre artesão poderia se transformar em algo parecido a um subcontratador, e o controlador-chefe dessa forma descentralizada de produção era o mercador – quem fazia a ponte entre essa mão-de-obra e o mercado mundial, os “industriais” que estavam aparecendo ou a ponto de aparecer das fileiras dos produtores⁶.

Antes da revolução industrial e da introdução das máquinas, Engels (2015) diz que a fiação e a tecelagem da matéria-prima eram realizadas nas casas dos trabalhadores, eram as famílias que fiavam e teciam ou iam vender o fio. Essas famílias viviam em campos perto das cidades e conseguiam manter-se pois a demanda por tecido do mercado interno – este era quase o único mercado – era suficiente. E como o aumento populacional não era muito grande era possível ocupar todos os trabalhadores. Nessa época

o tecelão às vezes podia economizar e arrendar um pequeno pedaço de terra, que cultivava nas horas livres, escolhidas segundo sua vontade, posto que ele mesmo determinava o tempo e a duração de seu trabalho. É verdade que era um pobre camponês, que lavrava a terra com pouco cuidado e sem grande proveito; mas não era um proletário: tinha – como dizem os ingleses – um pé na sua terra pátria, possuía uma habitação e situava-se num escalão social acima do moderno operário inglês. (ENGELS, 2015, p.46)

Viviam afastados das cidades, quase não entravam nelas pois entregavam o fio ou o tecido a agentes itinerantes. Respeitavam o proprietário de terras como seu superior natural, havia entre eles uma relação patriarcal. E serviam a uns poucos aristocratas que até então haviam dirigido a história.

O século XVIII eram um século de transformação, a evolução das forças produtivas exigia a melhoria da agricultura, mas os obstáculos para a

⁵ O sistema doméstico é um estágio universal do desenvolvimento manufatureiro da produção doméstica para a indústria moderna, podendo assumir várias formas, algumas delas muito próximas à fábricas.

⁶ Essa caracterização é feita pelo Hobsbawm (2004) no capítulo 1 do livro, em que ele está caracterizando o mundo em geral na década de 1780, onde a atividade mercantil e comercial era preponderante em relação à atividade industrial que estava ainda se gestando.

realização disso não eram poucos. Era preciso revolucionar a relação com a terra. Os sistemas agrários tradicionais e as relações sociais do campo travavam o desenvolvimento econômico, elas tinham de ser destruídas para que o solo pudesse ser arado pela empresa privada em busca de lucro. Haviam três condições necessárias para que isso fosse possível. A primeira era que “a terra tinha que ser transformada em uma mercadoria, possuída por proprietários privados e livremente negociável por eles”, a segunda: “ela tinha que passar a ser propriedade de uma classe de homens desejosos de desenvolver seus recursos produtivos para o mercado e estimulados pela razão, isto é, pelos seus próprios interesses e pelo lucro, estes dois objetivos esclarecidos” e a terceira era que “a grande massa da população rural tinha que ser transformada de alguma forma, pelo menos em parte, em trabalhadores assalariados, com liberdade de movimento, para o crescente setor não agrícola da economia.”(HOBSEBAM, 2004, p.210).

Mas haviam também dois grandes obstáculos: os proprietários de terras pré-capitalistas e o campesinato tradicional. Contudo, na Grã-Bretanha, os grandes proprietários e os seus fazendeiros, entre os fins do século XVIII e início do XIX, já estavam afinados com a sociedade burguesa, “O principal gume da lei voltou-se portanto contra os aspectos retrógrados do campesinato, dos agricultores e dos trabalhadores.” cercados foram estabelecidos por decretos gerais, transformando acres de campo e terras comuns, a partir de 1760, em propriedade privada. Com isso, a parte do campesinato que não conseguiu se tornar burguês, migraria para as cidades e iria trabalhar nas fábricas. A “evolução da economia industrial dependia de se criar mais depressa trabalhadores assalariados do que empregadores ou empregados autônomos. Para cada homem que ascendia no mundo dos negócios, um grande número necessariamente descia.”(HOBSEBAM, 2004, p. 215, 272-3).

A indústria algodoeira na Inglaterra foi a primeira a se revolucionar segundo Hobsbawm (2004) porque os novos inventos que a revolucionaram eram simples e baratos e assim, não era necessário muito dinheiro para montar uma indústria, além disso “fornecia possibilidades suficientemente astronômicas para tentar os empresários privados a se lançarem na aventura

da revolução industrial e também uma expansão suficientemente rápida para torná-la uma exigência.”(HOBSBAWM, 2004, p.60)

Com a invenção das máquinas a classe dos tecelões-agricultores (daquelas famílias tecelãs) foi gradativamente desaparecendo e “sendo de todo absorvida na classe emergente dos exclusivamente tecelões, que viviam apenas de seu salário e não possuíam propriedade, nem sequer a ilusão de propriedade que o trabalho agrícola confere – tornaram-se, pois, *proletários* (*working men*).”. Foi a *jenny*⁷ a primeira invenção que transformou profundamente a situação dos trabalhadores ingleses. Com a evolução das máquinas, foi diminuído o custo de produção do fio, diminuindo, assim, o preço do tecido que conseqüentemente aumentou a demanda por ele. Por causa deste aumento na demanda de tecidos, a demanda por tecelões também aumentou, fazendo com que o salário deles aumentassem, “podendo do ganhar mais trabalhando em seu tear, a pouco e pouco o tecelão abandonou suas ocupações agrícolas e dedicou-se inteiramente à tecelagem.”(ENGELS, 2015, p.48).

Ao passo que ia se formando o proletariado industrial, também o proletariado rural ia tomando forma. Pois, quando os tecelões-agricultores migraram para as cidades em busca de melhores salários – se tornando operários industriais; inúmeros terrenos se tornaram disponíveis e uma nova classe, a dos grandes arrendatários alugava uma grande quantidade das terras e conseguiam aumentar a produtividade do solo mediante melhores métodos agrícolas e pela exploração em larga escala. Com isso, estes grandes arrendatários podiam vender seus produtos a um preço mais baixo que os pequenos proprietários de terras (*yeoman*) – que eram “vizinhos” dos tecelões-agricultores, e cultivavam um pequeno pedaço de terra de modo descuidado e arcaico, se opondo a qualquer inovação. E como os pequenos proprietários rurais não conseguiam competir com os preços mais baixos dos grandes arrendatários, não lhes restava saída senão vender sua pequena propriedade e

⁷ Máquina que marcou um avanço na fiação, embora fosse acionada manualmente; após alguns anos a força hidráulica foi usada numa máquina de fiar, a “throstle”, mais tarde a junção de características da *jenny* e da *throstle* dão origem a “mule”, até que se cria uma fiadora automática, “selfacting mule” ou “selfactor”.

ou adquirir uma *jenny* ou um tear ou então empregar-se como jornaleiro⁸, proletário agrícola de algum grande arrendatário.

Até agora vimos o surgimento do proletariado industrial e agrícola, mas também havia outra categoria apontada por Engels (2015), a do proletariado mineiro. Pois, com o desenvolvimento da revolução industrial, “A produção ou extração de materiais para a indústria – matérias-primas e combustíveis – só se tornou de fato importante na sequência da revolução industrial, originando, assim, um novo proletariado: os *operários*⁹ *das minas de carvão e de metais*.”. Enquanto estes se ocupam de fornecer a matéria-prima os operários industriais, que foram os primeiros proletários a surgirem com a indústria – “seu produto imediato”(ENGELS, 2015, p.63) –, se ocupam do trabalho com as matérias-primas.

Apesar do setor têxtil ter sido o primeiro a se revolucionar, a revolução industrial não se limitou a ele, se expandiu para todos os ramos da atividade industrial, uma vez demonstrada “na prática a enorme significação do emprego da força mecânica na indústria, buscaram-se meios para utilizá-la em todos os setores”(ENGELS, 2015, p.55). Com a invenção da máquina a vapor começaram a valorizar as jazidas de carvão da Inglaterra, e com a fabricação de máquinas o interesse por sua matéria-prima, o ferro, também aumenta. A produção de ferro foi a que mais cresceu. Além da agricultura ter sido sacudida, as comunicações (estradas, canais, pontes, ferrovias) foram ampliadas. O vapor deu nova relevância à navegação. Hobsbawm (2004) diz que foi a indústria do carvão que estimulou a invenção da ferrovia, e que esta tinha um apetite imenso por ferro; aço; carvão; maquinaria pesada; mão-de-obra e investimentos de capital. Por isso, a ferrovia “propiciava justamente a demanda maciça que se fazia necessária para as indústrias de bens-de-capital se transformarem tão profundamente quanto a indústria algodoeira.”(HOBBSAWM, 2004, p.73).

Engels (2015) diz que se tomarmos o aproveitamento das forças da natureza, a substituição do trabalho manual pelas máquinas e a extrema divisão do trabalho como três elementos que caracterizam a indústria moderna,

⁸ Cf. nota de rodapé 12.

⁹ Sobre o conceito, Engels (2015) diz: “Utilizei também constantemente como sinônimos as palavras: operários (*working men*), proletários, classe operária, classe não proprietária e proletariado.”(p.43)

a indústria algodoeira continuava¹⁰ na vanguarda de todos os ramos industriais. A nova era industrial criou o sistema fabril, este ia se desenvolvendo e penetrando nos diferentes ramos industriais¹¹. Na agricultura Engels (2015) diz que

o sistema industrial de produção acabou por se impor através da grande exploração, da supressão das relações patriarcais (aqui, de extrema importância), da introdução das máquinas, da utilização da energia gerada pelo vapor, do trabalho das mulheres e das crianças, arrastando para o turbilhão revolucionário a última, e mais estável, parcela da população trabalhadora. (p.294-5)

Sobre as relações patriarcais no campo que acima Engels destaca ter grande importância, ele diz que no período imediatamente posterior ao nascimento do proletariado agrícola nas regiões rurais desenvolveram-se relações patriarcais que na mesma época estavam sendo destruídas nas regiões industriais. Enquanto essas relações perduraram entre arrendatários ou proprietários de terras¹² e seus trabalhadores, esses trabalhadores agrícolas compartilhavam da sorte de seus patrões e só eram despedidos em casos extremos. Por isso a miséria entre os trabalhadores agrícolas não era grande nem frequente. No entanto, por volta da década de 1840, as coisas haviam mudado, os trabalhadores tornaram-se quase todos jornaleiros¹³, os quais proprietários e arrendatários só os ocupam quando deles necessitam, não tendo, portanto, nenhum trabalho por um período longo. Engels (2015) explica que

Enquanto vigiram as relações patriarcais, os trabalhadores e suas famílias moravam na propriedade e ali cresciam seus filhos e era natural que o proprietário tratasse de ocupá-los; o emprego de jornaleiros era a exceção, não a regra, e consideradas as coisas com rigor, na propriedade havia mais trabalhadores que o necessário – daí o interesse do proprietário, ou arrendatário, em liquidar aquelas relações, expulsando o trabalhador da terra e transformando todos em jornaleiros. Esse fenômeno se processou, em geral, no fim dos anos vinte do nosso século¹⁴ e a consequência foi, para recorrer ao vocabulário da física, que o excedente populacional até então *latente*

¹⁰ Engels escreveu o “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” entre 1843-4.

¹¹ Ainda havia, porém, na época de Engels (na Inglaterra) formas de fabricação de caráter mais artesanal, como a indústria metalúrgica em que ele diz que eram os pequenos patrões que trabalhavam com seus aprendizes em oficinas ou em suas casas. E que estes “pequenos patrões não são nem verdadeiros proletários, porque em parte vivem do trabalho dos aprendizes e não vendem seu próprio trabalho, mas o produto acabado, nem verdadeiros burgueses, porque vivem essencialmente de seu próprio trabalho.”(ENGELS, 2015, p.232-3)

¹² No texto Engels fala camponeses, mas acreditamos se tratar de arrendatários e proprietários de terras.

¹³ Trabalhadores que ganhavam a “jornal”, por dia.

¹⁴ Fins da década de 1820.

viu-se liberado, o salário caiu e cresceu enormemente o número de pobres. A partir daí, os distritos agrícolas tornaram-se os centros principais do *pauperismo permanente*, assim como os distritos industriais são-no do *pauperismo intermitente* (p.294)

A utilização de máquinas agrícolas como as “debulhadeiras” nas grandes explorações em expansão e o aumento do trabalho feminino e infantil no campo, fez aumentar muito o desemprego. Com isso, também no campo – tal como nos distritos industriais – passou a existir uma “superpopulação”. No entanto, na situação no campo, essa superpopulação não podia ser absorvida pelo aumento da produção, como nos distritos industriais,

Se era possível criar novas fábricas – desde que houvesse compradores para os produtos –, não era possível criar novas terras. [...]. Por consequência, a concorrência entre os trabalhadores foi levada ao extremo e o salário desceu ao seu limite mínimo. [...] A miséria das regiões agrícolas aumentou ano a ano (ENGELS, 2015, p.295).

Voltando para os setores da indústria, Engels (2015) diz que em seus principais ramos decidiu-se “a vitória do trabalho mecânico sobre o trabalho manual e toda a sua história recente nos revela como os trabalhadores manuais foram sucessivamente deslocados de suas posições pelas máquinas.”(p. 50). Como consequência a esse fato, ele diz que se por um lado, houve a redução dos preços das mercadorias manufaturadas, o florescimento do comércio e da indústria, a conquista de mercados estrangeiros, o rápido crescimento dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, fez crescer mais rapidamente o proletariado, destruiu toda a propriedade e segurança de trabalho para a classe operária.

Engels (2015) diz que nova indústria converteu instrumentos em máquinas, oficinas em fábricas, transformando assim, a classe média trabalhadora em proletariado e os grandes negociantes em industriais; e que a pequena classe média foi eliminada e a população reduzida à contraposição entre operários e capitalistas,

A pequena indústria criou a classe média, a grande indústria criou a classe operária e colocou no trono uns poucos eleitos da classe média – mas o fez somente para, mais tarde, seguramente destroná-los. No entanto, é um fato inegável e facilmente explicável que a numerosa pequena burguesia dos “bons e velhos tempos” foi destruída pela indústria e decomposta, por um lado, em ricos capitalistas e, por outro, em pobres operários. (p.64)

A pequena burguesia foi arruinada pela nova indústria porque, na época em que Engels escreveu (1843-4) já era preciso ter enormes capitais para se criar enormes estabelecimentos, destruindo assim a possibilidade que nos “bons e velhos tempos” existia ao operário de tipo antigo¹⁵

de instalar-se em algum lugar como mestre artesão e talvez contratar companheiros¹⁶; agora, com os mestres suplantados pelos industriais, com a necessidade de grandes capitais para tocar qualquer iniciativa autônoma, o proletariado tornou-se uma classe real e estável da população, enquanto antes não era muitas vezes mais que um estágio de transição para a burguesia (ENGELS, 2015, p.60)

Tanto o arruinamento da pequena burguesia quanto a supressão do antigo artesanato, que ocorriam juntos, contribuíram para acabar com essa possibilidade ao operário de tipo antigo. No artesanato e no comércio transformações também ocorreram

aos antigos mestres e companheiros sucederam os grandes capitalistas e operários, os quais não têm perspectivas de se elevarem acima de sua classe; o artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho foi introduzida rigidamente e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos industriais foram lançados às fileiras da classe dos proletários. (ENGELS, 2015, p.60)

Engels (2015) diz que nas grandes cidades “a centralização da propriedade atingiu o mais alto grau; [...] Nelas só existe uma classe rica e uma classe pobre¹⁷, desaparecendo dia a dia a pequena burguesia. Esta, que outrora fora a classe mais estável, tornou-se agora a mais instável”(p.65). Segundo Hobsbawm (2004), o destino dos pobres, na metade do século XIX, “era o de se tornarem trabalhadores industriais, eles eram simplesmente a massa que deveria ser modelada pela disciplina através da pura coerção, sendo a draconiana disciplina fabril suplementada com a ajuda do Estado”(p.277)

¹⁵ Engels (2015) usa esse termo na página 293: “juntamente com a pequena burguesia e com o bem-estar dos operários do tipo antigo, também os pequenos camponeses foram arruinados – dissolvida a tradicional vinculação entre trabalho industrial e trabalho agrícola, os campos inexplorados foram concentrados em grandes propriedades e os pequenos camponeses foram deslocados pela concorrência esmagadora das grandes explorações agrícolas.”

Acreditamos que aqui, ele esteja se referindo aos tecelões-agricultores, às famílias tecelãs.

¹⁶ Quando ele fala mestre artesão e companheiros, acreditamos que “companheiros” seja o mesmo que “aprendizes”.

¹⁷ Em 1840, na Grã-Bretanha o proletariado crescia de forma vertiginosa, segundo Hobsbawm (2004), e podia já ser encontrado em milhões. Diz também que no censo de 1851 a população urbana ultrapassou a população rural.

3. CONCLUSÃO

Vimos que a formação do proletariado está diretamente relacionada com a história da formação capitalismo, história essa que teve como marco a “Dupla Revolução” – a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Ambas foram revoluções burguesas, mas a primeira, por causa do próprio caráter da revolução (com a participação do movimento popular – de mentalidade pré-capitalista) não conseguiu desenvolver bem o capitalismo após a revolução. Já na Inglaterra (país clássico da revolução industrial), o capitalismo conseguiu se desenvolver bem, transformando a forma de produzir riqueza material e, conseqüentemente, transformando a configuração das classes sociais.

Mostramos, também, como não apenas as fábricas foram revolucionadas com a invenção das máquinas, mas também a agricultura (com a mudança na relação com a terra). E, que as minas (principalmente de ferro e carvão) passaram a ter importância no decorrer da revolução industrial e, com isso, começaram a ser exploradas. Foi nesse processo de penetração do sistema fabril nesses ramos que foi se formando o proletariado industrial, o proletariado agrícola e o proletariado mineiro.

Diante do exposto, destacamos a relação direta que há entre a forma de produção de riqueza material de um dado sistema e suas classes sociais correspondentes. É preciso perceber como num momento de transição a nova forma de produção de riqueza está ainda se desenvolvendo, logo, a configuração das classes sociais também. Vimos também como a supressão de determinada forma de produzir – como a indústria antiga – suprime também as classes sociais que estavam ligadas a esta forma – tal como o desaparecimento da classe dos tecelões-agricultores apontadas por Engels (2015).

REFERÊNCIAS

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2004.

SOBOUL, A. **História da Revolução Francesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

NETTO, P. A construção do projeto ético-político contemporâneo. In: CEAD; ABEPSS; CFESS (Orgs.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social**: módulo 1. Brasília, 1999.